



## MARECHAL RENATO PAQUET

Sergio Augusto da Silva Zilio

**R**enato Paquet faleceu em 1961, aos 76 anos de idade, com mais de quarenta e seis de efetivo serviço ao Exército. Oficial da Arma de Cavalaria, transferiu-se para a Reserva em 1949, por ter atingido a idade-limite para a permanência no serviço ativo, no posto de General-de-Divisão. Posteriormente, por força da legislação em vigor, em fevereiro de 1952, promovido na Reserva, a General-de-Exército; e a Marechal em dezembro daquele ano. Tendo nascido em 9 de fevereiro de 1885, em São Cristóvão, teria completado um centenário este ano, se vivo fosse.

Seu pai, PAULO PAQUET, Oficial da Marinha de Guerra e engenheiro de máquinas, deixou traços marcantes em sua curta vida; faleceu em 1906, quando ocupava a patente de Capitão-de-

Corveta, deixando órfão, aos 21 anos, o jovem RENATO. Por força de sua especialização, o Cmt PAQUET viveu cerca de seis anos na França, onde acompanhou a construção dos nossos primeiros navios, encomendados àquele país. Foi assim, entre Toulon e Marselha, que ele e D. MARIA ADELAIDE DE SOUZA PAQUET continuaram o processo de educação dos três filhos, RENATO, FRANCISCO e MADALENA, ao mesmo tempo em que aprimoraram o francês — idioma imprescindível aos bons conhecimentos naquela época. D. ADELAIDE, de boa estirpe, bondosa e austera, descendia dos SOUZA, lusitanos há muito radicados no Brasil, e assistia os filhos com perfeição, suprimindo, inclusive, as ausências profissionais do marido.

Todavia, foi nas proximidades

da Quinta da Boa Vista, no ambiente do Rio de Janeiro do fim do século passado, que o futuro Marechal se criou. Esse cenário, ele próprio, mais tarde, descrevia em seu escorreito estilo:

"O Rio de Janeiro de 1891 guardava o cunho colonial no seu traçado, no casario e costumes. O centro urbano, principalmente, não tinha atrativos. As ruas eram estreitas, sinuosas e mal calçadas. Prédios de um andar ou dois, no máximo três, pesados e feios, atestavam o estilo Mestre-de-Obras; frontarias vulgares, grosseiras e interiores iguais, comuns, de alcovas sombrias. Ao rés-do-chão, escancaravam-se as portas das lojas; poucas vitrinas havia para deleite do transeunte.

"A precariedade dos serviços públicos, escassez de transporte e diversões e a Febre Amarela, a todos apavorando, e a angústia popular ante a crise política, ajudavam a dar à cidade aspecto triste, de abandono e pobreza; de pouco trânsito durante o dia, era, à noite, um deserto à luz mortiça das candeias.

"Ia-se à rua por necessidade; a passeio, raramente. No lar, no seio da família de hábitos patriarcais, desdobrava-se a existência."

Em síntese, RENATO PAQUET viveu a sua infância e início da adolescência no seio de uma sólida família burguesa, num tradicional bairro residencial, sob a educação primorosa de seus pais, tendo a influenciar-lhe também a formação, o período vivido na França, cujo domínio do idioma viria a lhe facilitar o convívio com a leitura,

gosto que cultivou até a morte, numa estreita ligação com os clássicos e as obras universais.

## A INICIAÇÃO MILITAR

Foi em 1902 que RENATO PAQUET assentou praça no 20<sup>o</sup> BI, considerado como recruta n<sup>o</sup> 178, com destino à Escola Preparatória e de Tática do Realengo.

O ano de 1906 é pleno de fatos significativos. Renato casa-se com D. ALAYDE VEIGA FERREIRA HORTA — e desse enlace nasceram seus dois filhos: RENATO PAQUET FILHO, recentemente falecido e ILKA; conclui seu curso e é mandado matricular na Escola de Guerra, em Porto Alegre, onde concluiria seus estudos e seria declarado Aspirante a Oficial pelo regulamento de 1905 — dispositivo esse que, despido do excesso do teorismo de até então, viria a influir no comportamento profissional do recém-formado.

Ainda cadete, teve ocasião de revelar seu espírito legalista, ao recusar-se a participar da revolução chefiada pelo Gen SÓCRATES, de que participou a Escola. Esse seria um dos seus traços marcantes por toda a vida.

Foi ótimo ginasta: dava o giro gigante na barra e o "cristo nas argolas" com os braços retos. Remava e levantava mais de cem quilos. Adestrava-se em quase todos os esportes. Dividia-se entre os estudos, a cultura intelectual e a física, como poucos. Conseguiu o equilíbrio "mente sã em corpo sã" como realce. Dividia-se, quando suas obrigações deixavam, entre a

biblioteca e os campos de esporte. Por isso, esteve sempre entre os primeiros.

## O OFICIAL SUBALTERNO

Dois de janeiro de 1909: eis declarado o novo Aspirante. Naquele tempo, caracterizavam-se os exercícios militares pelo "jogo da guerra" e "raides" cheios de surpresas para as pequenas unidades. O Ten PAQUET saía-se sempre vencedor com o seu pelotão. Isto lhe valeu vir a ser o primeiro instrutor nomeado para esse gênero de treinamento. Na mesma época — mercê de sua aptidão e dedicação aos esportes, destacou-se como atirador de escol, e chegou a conquistar o título de campeão brasileiro da modalidade. Obteve, também, expressão na esgrima e no hipismo. Da revista "A DEFESA NACIONAL" venceu um concurso sobre determinado tema tático, conseguindo o primeiro lugar em todo o exército.

Distinguiu-se RENATO PAQUET no comportamento em sociedade. Conhecia corretamente suas regras e protocolos, desde o trato com os semelhantes e suas hierarquias, até a localização e precedência dos mesmos. Chegaria a escrever sobre isso, à guisa de conselho, para cadetes.

Não transigia consigo mesmo. Era bom, humano e sabia exigir; e podia, pelos exemplos que dava, pois executava bem tudo que ordenavam que fizesse. Certa feita, para não chegar atrasado à instrução de seu pelotão em Realongo, em dia de enchente em

São Cristóvão, onde morava, pegou o "trem parador", desceu adiante e tomou um táxi, sem olhar a falta, no seu apertado orçamento, daquela despesa. Mas, às 6 horas, estava ele à frente de sua tropa. Com sacrifício, levou quase um dia para descalçar suas impecáveis e lustradas botas, que se haviam enchedo d'água e arranhado ao pular o muro da Estrada de Ferro. Soldado, para ele, tinha de ser superior ao tempo.

Toda essa compenetração e responsabilidade profissional não passavam despercebidas aos Chefes. Pelo fim do ano de 1912, estavam regressando ao Brasil os Oficiais que, por dois anos, haviam estagiado em corpos de tropa na Alemanha. Tão logo chegados, lançaram-se a uma campanha renovadora no Exército, apoiados por alguns Chefes que compreendiam a necessidade de se modernizar a Força Terrestre. Eram os chamados "jovens turcos" — cognome que receberam pela semelhança de ideais com aqueles que, na Velha Turquia, buscavam transformar a estagnação em que jazia a sua pátria, naquela época. Cheios de ardor, os "jovens turcos" fundaram "A DEFESA NACIONAL", veículo através do qual propalavam suas idéias e trabalhavam com afinco, provocando, pelo exemplo, a introdução de novos moldes de trabalho na instrução do Exército.

Esse problema de modernização da instrução tornou-se mais importante, diante da possibilidade de o Brasil vir a participar da guerra que eclodira na Europa, em 1914. Sentiu-se a necessidade de levar

essa proposição a todo o Exército, e não, apenas, àquelas Unidades que basicamente, devido à sua localização, haviam sido beneficiadas com o sopro do trabalho dos "jovens turcos". Após uma série de percalços, e graças à iniciativa de autoridades militares e civis — segundo nos conta o ilustre Marechal ODYLIO DENYS — "duas providências positivas foram desencadeadas em fins de 1918, quando Ministro da Guerra o General ALBERTO CARDOSO DE AGUIAR:

"— A fundação do Centro de Instrução e Aperfeiçoamento de Infantaria para a Formação de Sargentos Instrutores dos Tiros de Guerra, o qual seria, mais tarde, transformado em Escola de Sargentos de Infantaria, de tão grandiosas tradições e

— a seleção de um quadro de instrutores para a Escola Militar do Realengo, mediante o critério de reconhecida capacidade para instruir.

"Assim, acabaram sendo nomeados, por concurso, 16 oficiais; entre eles, o 1.º Ten da Arma de Cavalaria, RENATO PAQUET". Sobre esses Oficiais, o Chefe do Estado-Maior do Exército na época — Marechal BENTO RIBEIRO — atestou ser de justiça se afirmar que nunca o Corpo de Instrutores da Escola Militar havia atingido tamanho grau de homogeneidade. Talvez, pela iminência da chegada da Missão Militar Francesa, essa turma de Oficiais, que tinha como missão divulgar, generalizar, unificar e consolidar a instrução militar, dando-lhe eficiência crescente

e definitiva, por ser de nacionais, passou a ser chamada de "MISÃO INDÍGENA", denominação com a qual ficou conhecida até hoje.

RENATO PAQUET consagrava-se, assim, como oficial subalterno, e fixou-se desde jovem como um daqueles selecionados, que condensavam os ensinamentos dos ex-estagiários do Exército Alemão e levava-os aos cadetes: a sua auréola de Oficial dotado de extrema capacidade profissional, ornada com sua habilitação no Curso de Engenharia (EsAO/1919), e colação de grau, como bacharel, em Matemática e Ciências Jurídicas. Como melhor recomendação ao Oficial de Cavalaria da época, já era possuidor do Curso de Equitação.

## O CAPITÃO

A 7 de dezembro de 1920, deu-se a promoção de RENATO PAQUET ao posto de Capitão.

Em 2 de fevereiro de 1925, concluiu o Curso de Estado-Maior, com menção MB, e classificou-se por ordem de merecimento intelectual, em terceiro lugar na turma. Realizou seu estágio no Estado-Maior do Exército.

A década de 20 presenciou uma série de conturbações políticas, com envolvimento dos militares. Notabilizaram-se a revolta do Forte Copacabana em 22, a Revolução do Rio Grande do Sul em 23, e a "Coluna Prestes" de 24 a 26. Nesse clima conturbado de nosso nacionalismo caboclo, desenvolveu-se e plasmou-se a mentalidade militar, àquela época arrepiada

com os visíveis interesses pessoais que pontificavam aqui e ali entre escribas e tribunos mais agitadores que patriotas, além de muito influenciados pelo Marxismo em moda, já deslocando o Positivismo. Os militares mais jovens ouviam e meditavam, impressionados com as discordâncias das opiniões e dos interesses.

RENATO PAQUET, o Oficial legalista, a tudo acompanhava. Por esse período, sua carreira encaminhou-o, basicamente, para os estudos e serviços de Estado-Maior. Os de seu tempo reuniam-se no Clube Militar.

### OFICIAL SUPERIOR

Por decreto de 20 de fevereiro de 1930, RENATO PAQUET foi promovido a Major. Em 1932, ascendeu a Tenente-Coronel; e, a 36, a Coronel, ambas as promoções por merecimento.

O clima político dessa década não foi menos conturbado que o do anterior: em 30, eclodiu a Revolução iniciada no Rio Grande do Sul, que fechou o ciclo da chamada República Velha; em 32, deu-se a Revolução Constitucionalista de São Paulo; em 34, o país recebeu uma Nova Constituição; e, em 35, a ignominiosa Intentona Comunista, seguida de perto pelo Movimento Integralista de 1938.

Uma série de episódios verdadeiramente notáveis ilustram a personalidade reta e o espírito legalista de RENATO PAQUET no transcorrer desses eventos.

Em 30, tornou-se histórico o imenso campo de luta de que foi

teatro a Cidade de Três Corações, no assalto ao 4.º Regimento de Cavalaria Divisionária, que resistira desesperadamente ao cerco dos revolucionários; e, depois de 32 horas de intensa fuzilaria, rendera-se. Essa rendição foi épica: com o cerco, estabelecera-se no quartel o pânico devido à interceptação das comunicações e o corte do abastecimento d'água. Já um último reduto intacto do Quartel crepitava entre barricadas de alfafa, no meio de pavoroso incêndio no meio do qual a metalhadora levava o desespero aos últimos acantonados, quando resolveu a oficialidade afinal — seu Comandante à frente — içar a bandeira branca da rendição.

Transposto o Quartel e ocupado pelas forças revolucionárias, presa a oficialidade, desta só um — inquieto, febril, passeando agitado a largos passos pelo corredor da caserna, de feições contraídas e extremamente pálido — se obstinava em não entregar a espada ao vencedor. Intimidado, não se rendia. Era o Major PAQUET.

Conferenciaram, então, o Cel FONSECA, da Polícia Militar, que dirigia o cerco, e o Prefeito da Cidade. Os dois, com nobreza, para poupar a vida do Soldado, suspenderam o cerco e levaram ao reduto, no qual o Major se imolava pelo dever à legalidade, à sua esposa. Essa, em prantos, abraçada às pernas do marido, disse-lhe que só sairia de lá com ele. Diante disso e mais os apelos do Prefeito, RENATO PAQUET resolveu render-se, com a condição de entregar suas armas a uma autoridade

civil e não a um militar revoltoso. E essa autoridade foi o Dr. CRISTIANO MACHADO, Secretário de Estado, a quem foram entregues as armas.

Mas não se extinguiria aí o evento. Pouco tempo depois, em Belo Horizonte, estava o Major a conversar no alojamento-prisão dos Oficiais Superiores, quando ouviu anunciarem à porta o nome do Tenente PAQUET, seu filho. Surpreso, voltou-se e perguntou, áspero, o que fazia ali:

— Vim visitá-lo — respondeu o jovem.

— E por que não está preso?

— Por ter me revoltado.

Dando as costas ao visitante, gritou:

— Então volte daí.

O Tenente, perplexo, balbuciou:

— Meu pai, o Senhor sabe que, se assim for, nunca mais o procurarei.

Intervieram então os companheiros legalistas:

— PAQUET, por certo seu filho tem suas razões. Você terá de ouvi-lo.

O major aquiesceu. O jovem aproximou-se e passou a narrar as causas da revolta do povo e que eram acrimosamente comentadas em sua própria família. Disse-lhe que tudo fizera para juntar-se a ele e enfrentar os revoltosos, sem consegui-lo. Mas que as patifarias dos homens públicos não mais poderiam persistir. Que o nacionalismo era necessário para coibir as influências capitalistas, mancomunadas com as oligarquias e as ações nefastas do comunismo, cada vez mais atuantes. Somente a

luta revolucionária, coroada por uma ditadura militar, resguardaria a Pátria. Com o estado de ânimo que atingira a Nação e com a capacidade do estadista GETÚLIO VARGAS, esses anseios se concretizariam. Que com a prisão do pai, sentira-se liberado para a luta e que se havia empenhado com honra pelo seu ideal. Narrou-lhe que, tendo ficado na escuta do rádio, conhecia o teor das mensagens de todos os Comandantes das Unidades Legalistas e as mentiras sórdidas do Comando da Região, para que eles se aferrassem ao terreno, pois já devia estar lá nas imediações o Destacamento TOURINHO, o que era falso. Relatou o conhecimento de um rádio do pai, pedindo, quando próximo o seu sacrifício, permissão para sair a campo e lutar favoravelmente, pois seu Regimento, na margem do Rio Verde, num buraco, seria facilmente tomado. E a resposta, que o deixou cada vez mais revoltado, fora a mesma. Contou-lhe os riscos a que se expusera, para que ninguém, menos ele, o confundisse como adesista.

Foi então que se surpreenderam todos e PAQUET — vendo a pureza de propósitos do Tenente seu filho — o absolveu.

No ano de 1932, novo movimento eclode em São Paulo. Insurgem-se as forças paulistas contra o Governo Central. Nessa ocasião o então Tenente Cel. PAQUET fazia parte do Estado-Maior do Gen. GÓES MONTEIRO, Chefe a quem impressionara por suas atitudes coerentes e capacidade de trabalho, e que assumira o Comando do Exér-

cito de Leste, deslocando-se para o Vale do Paraíba. Logo PAQUET é guindado à Chefia do Estado-Maior, com o afastamento do Cel PANTALEÃO PESSOA, nomeado para outra comissão.

Eram Oficiais de escol e muito amigos, na ocasião, ele, MILTON DE FREITAS ALMEIDA e EUCLIDES FIGUEIREDO, conhecidos como os Três Mosqueteiros na Cavalaria, pelo caráter, competência e cultura e, até, pelo porte. Seus dois amigos foram comandar a Revolução de São Paulo.

Logo no começo, recebeu PAQUET um bilhete de Figueiredo: "PAQUET, estamos aqui eu e o Milton; estranhemos sua ausência".

E ele, pelo portador, respondeu: "Estranhável é vocês estranharem, pois sabem ser este meu comportamento desde cadete, na Revolução do Sócrates".

Os três tinham sido legalistas; derrotados, portanto, em 30.

Ademais, não havia, tal a formação de PAQUET e sua posição, razões para o movimento de 32. Fazia pouco mais de um ano, assumira Getúlio, e o governo já havia tomado importantes e justas medidas saneadoras e até definido data para as eleições.

Dois outros fatos marcantes de sua passagem no Estado-Maior do Gen Góes devem ser narrados: um, aquele que traz à tona o escrúpulo com que norteava sua vida profissional. Estava PAQUET no pleno exercício de sua Chefia, em Resende, quando lhe apresentaram a relação, para levar à assinatura de Góes e ser encaminhada ao referendo de Getúlio, dos Oficiais que

seriam promovidos por atos de bravura na luta. Antes de levar ao Gen Góes a relação, PAQUET mandou que dela tirassem o nome de seu filho, para que jamais pensassem ter a mesma acontecido por influência sua. De nada valeram os argumentos de que houvera rigorosa seleção na feitura da lista; de que ninguém ali tinha maior merecimento e que, afinal, a responsabilidade era de seu antecessor na Chefia do Estado-Maior, Cel Pantaleão Pessoa.



Getúlio Vargas ladeado pelos Generais Góes Monteiro, Eurico Dutra e Renato Paquet.

Lembrava-se bem PAQUET das noites tensas que passara temendo pelo filho; e, mais, quando dele havia perdido notícias, por dois dias, nos combates de desbordamento do Morro Frio, e que resultara na queda daquele bastião, o que apressou a derrota paulista. Mas nada o demoveu.

O segundo, foi quando o Gen Góes, então Ministro da Guerra, acompanhou Getúlio em uma viagem marítima, por dois meses, até a Amazônia, com escala em todos os Estados do Nordeste e do Norte. Nessa viagem, Getúlio e Paquet

conviveram intimamente e tornaram-se amigos e admiradores, a ponto de este merecer daquele uma fotografia com a dedicatória: "Ao Cel Paquet, modelo de correção e lealdade".

No dia da partida, já no cais, Paquet foi apresentado por Góes a Getúlio, nestes termos: "Apresento-lhe o Cel Paquet, Dr. Getúlio, um inimigo seu e da revolução". Enquanto Paquet, meio encabulado, empertigava-se, abria o Presidente amplo e acolhedor sorriso, logo desinibindo e descontraindo o Coronel.

Nascia, assim, uma sólida amizade e confiança, que proporcionaram os sinceros diálogos havido entre os dois. Esse evento verdadeiramente redirecionou o componente político da vida pública do Coronel, que pôde compreender tantos fatos que até então lhe pareciam, no mínimo, confusos e que envolviam o Presidente. Tudo isso explicaria, aliado ao seu ideal de unidade nacional, como sentiu necessidade e aceitou o Estado Novo em 37.

Com seu feitiço legalista e disciplinador, ao lado de grande admiração, semeava Paquet, evidentemente, também despeitos, invejas e antipatias. Era um homem de forte personalidade, idealista, portador de posição definida, pronto para a luta, sem conhecer outro senhor senão o seu País. E alguns não o compreendiam, mormente quando de suas nomeações, não obstante sua reação em 1930. Foi comandante do 1.º Regimento de Cavalaria de Guardas — Os Dragões da Independência — onde ele e o

estandarte do Regimento receberam a Ordem do Mérito Militar; honraria que mereceu do Ministro EURICO GASPAR DUTRA, sabidamente parcimonioso em elogios, a seguinte menção, após um almoço seguido de visita às dependências do Quartel, e que reuniu todos os Comandantes de tropa da Capital Federal: "Convindo-os, Senhores Comandantes de Unidades, a visitar este modelar Regimento em limpeza, entusiasmo dos quadros, instrução e disciplina".

Em 18 de agosto de 1937, três meses antes de o Presidente Getúlio Vargas, apoiado por seus Ministros e a quase totalidade das Forças Armadas, inaugurar uma nova ordem política no país, assumiu o Cel Paquet o Comando da Escola Militar do Realengo. Lá, deixou relevantes exemplos de sua personalidade ímpar de líder.

Certa vez, voltavam de uma noitada uns cadetes. Logo escalou o muro um deles que, nada vendo de anormal, deixou-se escorregar para dentro da Escola; e com tanto azar que quase caiu nos braços do disciplinador Subcomandante MAJOR PAIVA. Este, pondo o dedo indicador nos lábios, recomendou-lhe que não falasse, enquanto os outros, estranhando o silêncio, perguntavam ao colega se tudo estava bem. A despeito da recomendação recebida, gritou-lhes: Está aqui o Sub!

O Major, irritado, prendeu-o, e exigiu o nome dos companheiros que haviam fugido. Não houve nada que fizesse o cadete cumprir a ordem que considerava uma trai-

ção aos colegas. GOMES DE PAIVA deu parte do ocorrido ao Comandante e pediu o desligamento do faltoso por indisciplina e desobediência. O Cel formalizou a expulsão em Boletim e formou a Escola para assistir ao ato. O clima era de constrangimento e tensão. Tinha sido dito ao moço que revelasse o nome dos demais, para não prejudicar-se e perder sua futura profissão. O cadete não cedeu. Uma delação era mácula indelével e assim entendia o preso. Livrá-lo-ia da expulsão que o esperava, mas não do conceito dos colegas. Estando em causa o prestígio da autoridade, e logo do Major inflexível na aplicação dos regulamentos, todos esperavam que os companheiros de fuga se apresentassem espontaneamente para os riscos que adviessem.

O Cel Paquet, percorrendo a frente da formatura, dirigiu-se ao cadete:

— Dou-lhe mais uma oportunidade, para que nos poupe dessa medida extrema: diga quem são esses maus companheiros que o estão deixando só, revelando falta de solidariedade, de espírito de camaradagem.

— Meu Coronel, não posso revelar — respondeu com convicção e altivez.

E Paquet, impressionado com sua hombridade, tocado por aquela altanería, apertou-lhe a mão e disse:

— Transformo sua expulsão em prisão; você é digno e o Exército orgulhar-se-á de tê-lo entre os seus. Estou certo de que você será um modelo de disciplina doravante.

E foi assim que o equilíbrio do rigor do cumprimento do dever com a sensibilidade de sua nobre e generosa alma marcaram sua passagem no Realengo.

O ano de 1938 assistiu à última comissão de RENATO PAQUET como Oficial Superior. Justamente um Comando de Oficial-General: a 6ª Região Militar na Bahia.

Sua presença novamente se fez marcante, o que causou a todos a mais viva impressão. Dele disse o Dr. PHILADELPHO NOVAES em artigo no jornal Diário de Notícias de Salvador:

“Da primeira vez que me defrontei com o atual comandante da VI RM tive a impressão exata da figura do CHEFE preconizada pelos regulamentos. ‘Aplomb’ marcial perfeito. Enquadramento absoluto. Vi-me diante de todos os regulamentos militares, enfeitados num só volume vivo. Calculei de logo que a competência profissional, o amor à disciplina, o espírito de justiça, a honestidade, a bravura, a lealdade e abnegação, qualidades indispensáveis a quem dirige homens, cuja missão precípua é morrer defendendo a Pátria, deveriam estar ali personificadas. E não errei. Com o correr dos dias, verifiquei mais, S. Sa aliava a todas as qualidades acima uma inteligência penetrante, servida por vasta cultura geral, que a fidalguia de atitudes sociais — que só os perfeitos cavalheiros possuem — mais faz realçar.

“Disse FOCH que não bastava o Exército ter material e homens; era preciso ter chefes. De fato. Um chefe é tudo. E quem o tem com

as qualidades do Coronel RENA-TO PAQUET honra-se dele, e faz o que fizeram ontem os Oficiais da Guarnição Federal da Bahia: prestam-lhe as homenagens a que assisti, às quais me associei, profundamente comovido”.

Paquet, em Salvador, também desempenhou intensa atividade em prol do Estado Novo. Vários foram os seus pronunciamentos nas mais diversas oportunidades; são alocuções dogmáticas e plenas de entusiasmo cívico. Proferiu palestras e saudações para alunos das escolas baianas, publicadas em jornais. Sempre exaltou o Governo na crença de que o Estado Novo havia consolidado o Brasil. Dizia que esse havia derrubado as fronteiras que, dentro do Brasil, separavam os brasileiros.

Após fecundo comando por dois anos, retornou ao Rio de Janeiro.

### O OFICIAL GENERAL

Aqui chegando, foi de pronto promovido, em 24 de maio de 1940, a General-de-Brigada. O Clube Militar engalanou-se para homenageá-lo com um almoço, quando Paquet, em agradecimento, proferiu um discurso de improviso, por onde transitaram as suas recordações da Bahia, o espírito sadio do companheirismo desenvolvido na caserna e a coerência da sua interação com o Estado.

E concluiu, segundo notas taquígrafadas à época:

“Agradecendo, senhores, mais uma vez a vossa fidalguia, a vossa confiança, a vossa amizade, faço o

brinde de honra — não por uma questão de praxe, mas sim por convicção íntima — ao Exmo Sr Dr Getúlio Vargas, criador e dirigente do Estado Novo, ao qual eu, como um dos Chefes do Exército, declaro estar inteiramente solidário e defender de armas na mão, se preciso for”.

Em 1941, era o Gen Paquet o Comandante da ID/2, em Caçapava, São Paulo, onde foi igualmente marcante a sua passagem. Logo faz sentir os seus pronunciamentos na nova Guarnição, a todos entusiasmando com o vibrante patriotismo e com rara coragem e sensibilidade política e ideológica. Certa feita, durante uma campanha promovida pelo jornalista ASSIS CHATEAUBRIAND, “Dêem asas ao Brasil”, este convidou o General, em Caçapava, a batizar o avião que tomou o nome de um bravo pioneiro da aviação: o Tenente ARTHUR OSWALDO CESAR DE ANDRADE, que acabara de ser sacrificado, ao patrulhar as costas brasileiras. A festa foi em São José dos Campos e inspirou um discurso do Gen Paquet, que se constituiu numa notável peça oratória pela construção e pelo civismo brilhante que irradiava em seu calor humano. Tão impressionante e modelar foi o discurso, pela sensibilidade que revelava e por seu valor literário, que provocou, da fulgurante inteligência de Chateaubriand, um artigo em “O JORNAL” e 28 de julho de 1942, com referências raras e tão honrosas, que são de orgulhar a qualquer cidadão e mais a seus companheiros de armas.

Mais tarde, na Revista "Vamos Ler", ainda gravou o jornalista em certo trecho de um escrito seu: "O General Renato Paquet não é só o cavalheiro e o cavaleiro que fizeram sucesso nos salões e nos concursos hípicas da velha e imorredoura França; não é só o soldado enérgico e de bravura e valor tantas vezes comprovado nos movimentos armados que figuraram na História do Brasil; ele é, também, um dos nossos melhores oradores".

Em novembro de 1942, Paquet foi transferido e recebeu o comando da Vila Militar.

A Guerra assolava os campos da Europa, Ásia e África, e cobriu com suas misérias os dois oceanos. Paquet acompanhava atento o desenvolvimento da borrasca. Preocupava-lhe, sobremaneira, a unidade americana. Esposava a repulsa às imperiosas pretensões dos povos extracontinentais e percebeu a projeção dos novos condicionantes da política internacional no quadro dos assuntos internos do Governo Brasileiro. Sua fidelidade ao Estado Novo e a seu Chefe permanecia inalterada: a mesma crença, o mesmo orador e vibração.

Em fevereiro de 45, por ocasião do terceiro aniversário natalício que comemorava na guarnição, prestaram-lhe mais uma homenagem. Paquet discursou em agradecimento; proferiu uma verdadeira oração de fé e encerrou com uma exortação de crença e lealdade ao Presidente da República e à sua obra.

Mas havia uma conspiração. Logo, numa visita à Vila Militar feita

pelos Generais Góes Monteiro, Ministro da Guerra, e Valentim Benício, Comandante da Região, os fatos se evidenciaram. Deixaram claro os dois chefes que não aceitariam a permanência de Getúlio, caso ele burlasse as eleições prometidas — o que supunham como acontecimento certo. Paquet, mesmo imaginando quão escorados estariam aqueles Oficiais para poderem pronunciar-se conspirando com tanta desenvoltura, manifestou-se formulando as normas de comportamento e de disciplina que todos alegavam observar. Os dois Generais presentes retiraram-se contrariados e constrangidos.

No dia seguinte, Benício mandou chamá-lo ao Ministério. Paquet encontrou-o na ante-sala do Gabinete do Ministro. Disse-lhe o General Benício em tom acrimonioso:

— Paquet, o Góes mandou que eu lhe externasse o desagrado pela sua atitude na reunião de ontem. Achou-a inábil, imprudente.

Paquet puxou-o pelo braço para o gabinete de Góes, contíguo, e disse com voz enérgica:

— Vocês sabem melhor que todos que razões houve para isso. Não posso aceitar este recado assim com ar de reprimenda. Gosto de tudo às claras e julgo que vocês também. . . Logo Góes, que tudo ouvira, habilmente interrompeu-o amistosamente, dizendo-lhe que não fora bem aquilo, que o Benício não o interpretara bem.

Mas as expectativas continuaram, pontilhadas de pequenos incidentes, como o de dois Oficiais do Exército que, fugindo às con-

tingências lógicas da carreira, desmandaram-se na propaganda política declarada, um do Dr Getúlio Vargas e outro do Brigadeiro Eduardo Gomes. O Gen Góes prendeu-os e reafirmou a vontade de situar as Classes Armadas fora das convenções partidárias e à margem dos atritos políticos.

Na realidade, entretanto, quase todos os Generais do Rio de Janeiro estavam envolvidos. Próximo estava o final das amarguras que Paquet há muito pressentira.

Em certo trecho de discurso pronunciado no Círculo Militar da Vila, ele declarou: "E agora, repito, não nos cabe exigir isso ou aquilo da Nação. A ela, e somente a ela, cabe resolver os seus problemas políticos".

Estribado nessas suas convicções, Paquet, à testa da Infantaria Divisionária, mercê de seu alto prestígio e respeito entre os chefes e subordinados, navegava com firmeza pelo mar dos abrolhos políticos. Era o eterno legalista.

Mas a conspiração desenvolveu-se de tal forma, que a queda do Presidente era simples questão de tempo. Na vila, Paquet preparou-se para resistir. Foi quando, dia 29 de outubro, por volta das 18 horas, o Gen Firmo Freire chamou-o ao telefone e disse:

— Paquet, o Presidente determina que você abandone toda e qualquer idéia de resistência.

Surpreendido e revoltado, respondeu:

— Agora? Depois que me comprometi e comprometi os Oficiais que estão comigo é que recebo uma ordem assim?

— Espera aí, respondeu Firmo Freire; vou levar sua resposta ao Presidente.

Voltou pouco depois, dizendo:

— O Presidente repete que você largue tudo isso aí. Ele não quer o derramamento de uma gota de sangue sequer.

Estava tudo acabado. Paquet dirigiu-se em seguida aos Corpos de Infantaria (os únicos que restavam totalmente fiéis ao Governo — sendo que o 1º RI, desmobilizado), onde descomprometeu seus Oficiais e deu-lhes liberdade de ação.

Na manhã do dia 30 de outubro de 1945, o Gen Paquet passou o Comando da Vila Militar ao Gen Falconiére.

Os idos de março de 1946 encontraram o então Gen Div Renato Paquet no Comando da IV Região Militar, em Juiz de Fora. Foi um período curto, que se encerrou no último dia do ano, com a sua transferência para a 2ª Região Militar. O pouco tempo passado nas Alterosas, entretanto, valeu-lhes uma petição, com grande número de assinaturas, de autoridades e populares, ao Presidente da República, pedindo para que fosse mantido.

No Comando da Guarnição Federal em São Paulo pressentiu, mais uma vez, as vibrações da política nefasta, mesmo sem chegar a conspiratas. Tentaram aproveitar-se da amizade entre ele e Getúlio, para usá-lo em proveito de um candidato trabalhista ao Governo do Estado, Hugo Borghi. Paquet não admitiu: repeliu energeticamente as insinuações da imprensa e retificou sua posição le-

galista, com a citação da Constituição Federal. Com a proximidade das eleições estaduais, questionado sobre o papel das forças sob seu Comando, foi peremptório:

“A vontade do povo é soberana e o seu pronunciamento nas urnas será solenemente garantido. Não há, pois, motivo para inquietações. O povo pode confiar”.

Eleito e empossado, o Dr Ademar de Barros passou a governar São Paulo. Político astuto e inteligente, simpático e demagogo, tinha ambição de chegar à Presidência da República. Em suas manobras eleitoreiras fazia proselitismo por todos os meios, favorecimentos ilícitos, nomeações absurdas e gastos acima da capacidade do Tesouro. Não contente com tantos desmandos, sob pretexto de criar fundos para suas futuras campanhas políticas, organizou as célebres e originais “caixinhas”, para as quais todos os que transacionassem com o Estado tinham de contribuir. Esses descabros desmoralizavam o Governo paulista e mortificavam o austero Presidente da República, Gen Dutra. Mas a audiência, quase sempre cerceante, dos outros dois Poderes, impunha razões maiores, que o impediam de tomar providências efetivas contra aquele estado de coisas. Vários esforços fizeram, o Presidente DUTRA e o Ministro da Guerra, Gen Canrobert, para coibir os desmandos do Chefe do Executivo paulista. Não foram poucas as insinuações nesse sentido feitas a Paquet, para que, numa oportunidade qualquer, interviesse em São Paulo e confia-

vam-lhe, inclusive, que contaria com o apoio de industriais, políticos e militares. A eles, Paquet cortava a fala ou desconversava, pois não via na Constituição lugar para isso.

Eis que Ademar viaja pelo interior e deixa a sede do Governo, do que se aproveitam seus opositores, mormente os comunistas, desgostosos com o descumprimento de promessas vantajosas feitas a eles. Foi o momento esperado, pois o populacho subversivo tomou as ruas, depredou vitrinas, virou e incendiou carros particulares e coletivos, num dos maiores “quebra-quebra” havidos até então.

Cresceram as pressões para Paquet intervir; levar a tropa federal à rua. Ele, porém, resistiu.

Após dois dias de algazarras, um grupo de políticos, industriais e até Secretários de Estado foi ao General pedir garantias e insistir na intervenção.

Batendo forte com a mão na mesa, Paquet desabafou:

— Chega; não insistam. Já lhes disse que só levarei a tropa à rua e debelarei anarquias, quando o Governador solicitar isso, alegando que seus órgãos de segurança foram todos mobilizados e se mostram impotentes. Não me presto a jogadas políticas.

Efetivamente, Ademar voltou e, no dia seguinte, repôs a ordem em São Paulo.

## OS ÚLTIMOS DIAS

A 7 de janeiro de 1949, Paquet deixou o Comando da 2ª Região Militar e retornou ao Rio. No mês

de fevereiro seguinte, atingiu a idade limite e foi transferido para a Reserva. Prometeram-lhe uma vaga no Supremo Tribunal Militar; mas não cumpriram a promessa. Não pediu, nem reclamou.

Paquet recolheu-se ao lar, pesaroso. Cercado de amigos fiéis, dedicou-se a prostrar, ler e estudar. Foi difícil não vestir a farda, não ouvir os toques, não escutar os tiros.

Três anos mais tarde, em 1952, o Presidente da República eleito, Dr Getúlio Vargas, com amparo na lei vigente, promoveu-o, sucessivamente, a General de Exército e Marechal. A mão do destino fazem

do justiça. O Presidente, a quem servira com tanta lealdade e que foi deposto, retorna à Chefia da Nação e, circunstancialmente, tem a oportunidade de promover, por duas vezes mais, o leal Soldado!

Anos depois, veio a falecer em casa, velado pelos entes queridos, admirado e respeitado por todos.

Preza aos Céus não escasseiem, mas sobejem, no seio do Exército Brasileiro, soldados com a elevação moral de um Marechal RENA-TO PAQUET. Aí, sim, teremos a certeza de que a espada — conduzida com bravura a serviço da Pátria — será a garantia da Liberdade e do Direito!



*Ten Cel Cav QEMA Sérgio Augusto da Silva Zilio, além dos cursos da AMAN (Cavalaria), EsAO e ECEME, possui o da Escola de Material Bélico e o Avançado de Blindados da Escola de Blindados do Exército dos EUA (Fort Knox). Serviu no extinto 4º RC, no 3º BCC e 2º RCC. Comandou o Nu Cia QG/DB. Foi instrutor da AMAN e da EsAO e chefiou a 3ª Seção da 23ª Bda Inf SI. Quando instrutor da AMAN, fez parte, como redator, da equipe que criou a revista "Cavalaria". É membro do Centro Brasileiro de Estudos Estratégicos (CEBRES) e da Comissão de Pesquisa Histórica Básica de "A Defesa Nacional". Serve atualmente no Comando da 1ª RM e está realizando pesquisa sobre a atuação da Cavalaria na FEB e sobre a vida e a obra do General Pedro Aurélio de Góes Monteiro, cujo centenário de nascimento será celebrado em 1989.*